

LINGUAGEM, LÍNGUA E SOCIEDADE
"A LÍNGUA COMO CRITÉRIO DE IDENTIDADE SOCIAL"
- Os "portugueses" de Ziguinchor (Senegal) -

Tania Alkrim (Unicamp)

Esta nota é produto de uma experiência de trabalho desenvolvida junto à uma comunidade de falantes de um crioulo português, existente na cidade de Ziguinchor, no Senegal, nos anos de 1981 e 1982. (1)

A cidade de Ziguinchor, capital da região da Casaranga, é uma cidade média do Senegal, com uma população de 80.000 pessoas. Situada na margem sul do rio Casaranga, a 63 km da sua foz, Ziguinchor se encontra bem próxima da fronteira do Senegal com a Guiné-Bissau. Foi fundada por portugueses metropolitanos em 1645. Portuguesa durante 243 anos, Ziguinchor tornou-se possessão francesa em 1886, integrando-se ao território senegalês, através de um tratado assinado entre Portugal e França.

Como tantas outras cidades senegalesas, (e certamente como tantas outras cidades africanas), Ziguinchor acolhe um conjunto de populações linguística e culturalmente distintas. Por exemplo, os díola, os mandingos, os wolof, os bainuc, os serere, os mancarhe, europeus em geral, libaneses, etc.

Entre os diversos grupos presentes em Ziguinchor, encontramos uma pequena comunidade, conhecida como os "portugueses" (também chamados de crioulos). Na ausência de estatísticas oficiais, estimou-se a comunidade dos "portugueses" de Ziguinchor em cerca de 2.000 pessoas.

Quem são os "portugueses" de Ziguinchor?

A origem dos "portugueses" de Ziguinchor se confunde com a própria origem da cidade. Segundo fontes históricas, a povoação de Ziguinchor iniciou-se com a vinda de uma família de mestiços cabo-verdianos - os irmãos Rosa, Jaime e Carlos Carvalho d'Alvarenga - nos meados do século XVII. Outros cabo-verdianos teriam vindo, em seguida, instalar-se em Ziguinchor. A cidade - de fato um entreposto de víveres na rota de penetração do interior africano - surgiu e cresceu em território de uma população local, aí residente há muito tempo. Os textos históricos dos séculos XVII, XVIII e XIX referem-se à população de Ziguinchor como constituída de dois grupos básicos: os grunetes, mulatos portugueses ou portugueses em oposição aos nativos. Tal oposição

cobria a distinção básica entre uma população cristã e uma não-cristã, entre os representantes da coroa portuguesa e os ocupantes tradicionais da região. Mas a questão da língua também está presente: falantes de crioulo português e falantes de outras línguas. Do grupo dos grunetes, mulatos ou portugueses saíam os chefes da povoação. Os "portugueses" ou grunetes permaneceram como grupo dirigente da povoação enquanto durou a dominação portuguesa. Com a passagem para o domínio francês, iniciou-se a perda dos privilégios e poderes desse grupo. Hoje em dia, os "portugueses" de Ziguinchor, apesar de terem um lugar distinto na cidade, perderam a supremacia de outrora. Guardam, no entanto, o orgulho e a memória de sua atuação histórica.

O termo "português", em Ziguinchor, refere-se a uma comunidade constituída de indivíduos negros que respondem a duas características básicas: serem católicos e terem um crioulo português como língua materna. (Esse crioulo português é uma variedade linguística bem próxima das variedades linguísticas faladas na Guiné Bissau). Enquanto "portugueses" caracterizam-se também por possuírem um sobrenome de origem portuguesa: Silva, Pereira, Carvalho, Barreto, Gomes etc.

Que as características religiosa e linguística apareçam como indicadores fundamentais dessa comunidade explica-se muito simplesmente pelo fato de que as outras comunidades, presentes em Ziguinchor, possuem outras línguas maternas, que não o crioulo, e praticam seja a religião muçulmana seja as chamadas religiões tradicionais senegalesas ou africanas em geral. Quanto à língua crioula, vale lembrar que há dois grupos étnicos, originários da Guiné-Bissau - os macanhe e os mancaju - que, normalmente, além das próprias línguas maternas, falam uma variedade de crioulo português como segunda língua. Esse fato se verifica muito frequentemente também entre os membros católicos do grupo dióla, originários da Casamansa.

Os "portugueses" de Ziguinchor apresentam ainda um conjunto de características, que nos permite reconhecer de um lado sua especificidade, de outro sua integração no contexto cultural onde vivem. Como tantas outras populações casamancesas e senegalesas em geral, os "portugueses" participam do ciclo migratório em direção à capital Dakar. Deslocam-se também com grande frequência dentro da região da Casamansa, onde se encontra Ziguinchor. Diferentemente das outras populações, têm na Guiné-Bissau uma outra zona importante de deslocamento. A escolaridade parece ser um traço extremamente importante da comunidade, como um todo, se bem que não seja exclusivo. Vale no entanto lembrar que eles foram, em Ziguinchor, os primeiros clientes das escolas do tipo ocidental. Sabe-se que até 1920, quando a primeira escola pública foi criada no Senegal, o sistema escolar estava nas mãos de religiosos católicos, o que afastava, de maneira quase automática, os alunos adeptos de outras práticas religiosas.

Como todas outras comunidades, os "portugueses" têm suas festas e celebrações. Como católicos, muitas de suas celebrações se originam do calendário religioso católico. Há, no entanto, pelo menos duas cerimônias que parecem ser exclusivas dos "portugueses": a surona (cerimônia de celebração de um ano de morte) e o mandakabas (equivalente ao noivado ocidental).

A comunidade dos "portugueses", como muitas outras, apresenta uma forte tendência à endogamia. Mas, observou-se também que essa endogamia se reveste sobretudo de um caráter religioso, isto é, a regra de casamento se baseia sobretudo na profissão religiosa dos indivíduos. Assim temos que um "português" se casa fundamentalmente com um outro indivíduo católico, seja ele um outro "português" ou pertencente à qualquer das etnias parcialmente católicas do Senegal (díola, serere, mandingo, manjacu, etc.).

A monogamia é uma característica bem marcante dos "portugueses" que contrasta com a poligamia corrente em quase todos os outros grupos. Evidentemente, essa questão tem um fundamento religioso.

Observou-se também que os "portugueses", como todas as outras comunidades, tendem a se agrupar em determinado espaço físico da cidade - o bairro de Sant'hiaba de Ziguinchor é conhecido como o bairro cristão.

O plurilinguismo é uma norma de comportamento social difundida não só na comunidade dos "portugueses" como nas outras comunidades. Com relação ao repertório verbal dos "portugueses", nota-se a presença marcante da língua wolof, como aliás se observa em quase todas as populações senegalesas.

Os traços religioso e linguístico parecem andar juntos quando se fala dos "portugueses" de Ziguinchor. Ou seja, todo indivíduo "português" é naturalmente católico e tem um crioulo português como língua materna. No entanto, há outros grupos étnicos na região da Casamansa e no Senegal que praticam a religião católica. Por exemplo, os díola da Casamansa, que é um grupo em parte católico, em parte muçulmano e em parte praticante de uma religião tradicional, e os serere da região de Thies e do Sine-Saloum que é quase inteiramente católico. Segue-se, então, que, em Ziguinchor, todo "português" é católico e falante nativo de crioulo mas nem todo católico é necessariamente "português".

Dada a situação descrita acima, temos que a característica linguística é o único critério indiscutível de identificação da comunidade dos "portugueses". Evidentemente, o caso dos "portugueses" de Ziguinchor não seria o único. Há pelo menos o trabalho já clássico de A.P. Sorensen Jr. (1967, "Multilingualism in the Northwest Amazon". *American Anthropologist*, vol. 69, p. 670-84) sobre a situação plurilingüe do noroeste da Amazônia, onde a identidade linguística (no caso, a filiação materna) dos indivíduos é a base da regra de casamento exogâmico. Ou seja, trabalhos como o de Sorensen enfatizam a característica linguística como um identificador social efetivo.

A relação língua e sociedade não é mais posta em dúvida hoje em dia. A presente exposição não pretende teorizar sobre o que se tornou mesmo um truismo. O nosso objetivo é relatar um caso onde essa relação é essencial do ponto de vista da abordagem de uma comunidade determinada. Com efeito, a comunidade dos "portugueses", tanto do ponto de vista interno da comunidade quanto do ponto de vista externo das outras comunidades, é identificada com base nos traços religioso e linguístico. No entanto, é a característica linguística que permanece como propriedade inalienável do

grupo e que o particulariza de maneira definitiva no contexto social amplo do qual (ele) participa. Visto de um lado como representação simbólica da comunidade, o crioulo é, por outro lado, o espaço de uma prática social efetiva. Enquanto língua materna é sempre uma herança recebida dos antepassados e legada aos descendentes. Ao crioulo também é reservada a função de comunicação intra-étnica, isto é, o crioulo é a língua que os "portugueses" utilizam entre si. Nossas observações junto à comunidade dos "portugueses" nos permitiram perceber que o crioulo é a língua que um indivíduo "português" utiliza nos contatos com familiares, com amigos ou qualquer outro indivíduo - "português". O domínio efetivo do crioulo é o espaço social da comunidade dos "portugueses", o espaço das relações que envolvem todos aqueles que possuem a mesma identidade étnica. Fora do espaço da comunidade, o crioulo cede a vez seja à língua veicular nacional (wolof), à língua de escolha dos interlocutores ou ainda àquela exigida pela situação (o francês, na escola, por exemplo).

Para os "portugueses", o crioulo é a língua que lhes pertence, é a língua que, veiculando a experiência vivida pelo conjunto dos "portugueses" garante a integridade da comunidade. Conscientes da propriedade da língua, reconhecem que o crioulo assegura os limites da comunidade e os identifica, em relação às outras comunidades, no contexto plurilingüe e pluricultural de Ziguinchor.

NOTA

1. Para um estudo mais amplo a respeito dessa comunidade, consulte-se Tania M. Alkimir (1983) "Les 'portugais' de Ziguinchor (Sénégal)". Approche sociolinguistique d'une communauté créolophone. Tese de doutoramento de 3º ciclo. Université Paris V, Sorbonne.